

Os três Cs que podem reduzir resultados da safra de verão são: clima, câmbio e China.

DIÁRIO DE BORDO

OS "DIVERSOS" TRÊS CS

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

ESTÁ TERMINANDO o plantio da safra de verão em todo o País.

Capitalizados com dois anos sucessivos de boas colheitas – especialmente em 2020, com preços espetaculares de grãos e de carnes –, os produtores rurais profissionais investiram em melhorias de gestão e, também, fizeram um plantio com alto padrão tecnológico, reduzindo os riscos de perdas ao longo do ano agrícola. Ficam, então, evidentes os três Cs positivos deste ano: capitalização, controles (gestão) e ciência (tecnologias). E os produtores acrescentaram outros três Cs ao plantio de verão, porque o fizeram com: competência, confiança e coragem.

Os produtores aumentaram a área plantada e apostaram forte no mercado para 2021, tendo, inclusive, vendido boa parte das colheitas projetadas para soja e milho, até mesmo para 2022.

No entanto, na atividade rural, os mais velhos sempre cercam-se de cuidados para evitar surpresas. Nesse sentido, eles estão olhando os três Cs que podem reduzir resultados.

O primeiro dessa última trinca de Cs é o clima. Ainda é cedo para dizer como será o comportamento dele nessa estação, mas as chuvas andaram atrasando-se em várias regiões, o que, talvez, quebre a produtividade da safra de verão e encurte a janela da segunda safra de milho. Nada disso é certo e, se acontecer, pode trazer preços ainda melhores.

Já o segundo C é o câmbio. Em 2020, colhemos uma boa safra, com um dólar mais caro do que plantamos em 2019. E, agora, estamos plantando com um dólar valorizado, sem a mínima ideia de como estará a moeda durante a comercialização da safra em 2021. Há quem aposte num dólar abaixo de R$ 5 nessa ocasião. Não é um número favorável, mas isso é incerto. Vale sempre lembrar a famosa frase do ministro Mário Simonsen: "juro aleija, mas câmbio mata". Fica a conferir.

Por fim, o terceiro C de incertezas é a China, o nosso maior mercado atual. Ela demandará grãos por mais algum tempo. A dúvida está em como vai se comportar o novo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em relação ao gigante asiático. Se as relações comerciais entre os dois grandes países se acomodarem, pode ocorrer uma diminuição do mercado chinês para nós.

O que se aprende em agricultura é que nunca um ano é igual ao anterior, e isso vai gerando uma experiência acumulada que determina o quanto de "barba de molho" devemos ter em cada novo plantio. Oxalá esses três Cs funcionem favoravelmente para os produtores. Uma soma deles do lado negativo é sempre muito inconveniente.

Há um outro conjunto de três Cs para avaliar rapidamente, que é representado por culturas permanentes e semipermanentes: cana-de-açúcar, café e citricultura, todas superimportantes na geração de empregos. A seca ao longo de 2020 afetou a produtividade da cana, que, em alguns locais, caiu 10%, o que só não foi pior porque a riqueza em açúcar e os bons preços internacionais compensaram a quebra de produtividade. Mas a má brotação da soqueira pode impactar safras futuras.

As perspectivas para a produtividade de café e laranja, por sua vez, ainda são incertas, porque a seca e o calor intenso de outubro nas regiões produtoras prejudicaram as floradas, de modo que o clima e o câmbio terão influência nos resultados econômicos do ano que vem.

Feliz Natal e Próspero Ano Novo a todos os produtores rurais do Brasil! ■